



*Organizadora*

Walkiria Nunez Paulo dos Santos

PSICANÁLISE

# Fronteiras do Des-amparo e as vicissitudes da pandemia

**Blucher**

FRONTEIRAS DO  
DES-AMPARO E AS  
VICISSITUDES DA  
PANDEMIA

Walkiria Nunez Paulo dos Santos  
organizadora

*Fronteiras do Des-amparo e as vicissitudes da pandemia*  
© 2022 Walkiria Nunez Paulo dos Santos (organizadora)  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim  
*Produção editorial* Catarina Tolentino  
*Preparação de texto* MPMB  
*Diagramação* Adriana Aguiar  
*Revisão de texto* Êvia Yasumaru  
*Capa* Leandro Cunha  
*Imagem da capa* iStockphoto

## Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)

---

Fronteiras do des-amparo e as vicissitudes  
da pandemia / organizado por Walkiria Nunez  
Paulo dos Santos. – São Paulo : Blucher, 2022.

272 p. : il.

### Bibliografia

ISBN 978-65-5506-479-7 (impresso)

ISBN 978-65-5506-480-3 (eletrônico)

1. Psicologia. 2. Doença (COVID-19) –  
Aspectos psicológicos. 3. Jovens – Psicolo-  
gia. I. Santos, Walkiria Nunez Paulo dos.

22-2980

CDD 150

---

Índice para catálogo sistemático:  
I. Psicologia

# Conteúdo

Apresentação	7
Prefácio – <i>Claudio Castelo Filho</i>	11
1. Sessão simultânea de leitura: um espaço para o vínculo, o sentir/pensar e a leitura literária. Uma experiência com crianças pequenas durante a pandemia – <i>Adrianna Nunez</i>	15
2. Adolescentes no inferno: pandemia precipitando fragilidades – <i>Alceu Casseb</i>	31
3. Solidão, solitude, isolamento social: vivências de adolescentes – <i>Ana Maria Stucchi Vannucchi</i>	53
4. A intuição e a subjetividade do analista como instrumentos para construções oníricas – <i>Carmen C. Mion</i>	85
5. Bion e o sentimento de encantamento ( <i>wonderment</i> ) como depuração do impulso religioso primordial – <i>Cassio Rotenberg</i>	99

6. Pandemia de Covid-19: convite à reflexão e ao crescimento – <i>Denise Aizemberg Steinwurz</i>	115
7. Formas clínicas da melancolia: “Eu não quero levar comigo”, mas levo, “a mortalha do amor” – <i>Gleda Brandão Araujo</i>	147
8. Experiência emocional e intuição no atendimento psicanalítico à distância: observações e reflexões preliminares – <i>João Carlos Braga</i>	159
9. A linguagem perdida das gruas – <i>Péricles Pinheiro Machado Jr.; Marina Ferreira da Rosa Ribeiro</i>	175
10. Entre Agonia e Desamparo – <i>Rahel Boraks</i>	197
11. Fronteiras do Des-amparo: aprofundando a teoria sobre o prazer no pensar-prazer criativo – <i>Walkiria Nunez Paulo dos Santos</i>	211
Conferência de René Roussillon apresentada em 22 de maio de 2021 via plataforma Zoom com iniciativa do grupo de estudos “Clínica do Des-amparo e a mente do analista” da SBPSP, em parceria com a Diretoria Científica e Diretoria de Atendimento à Comunidade (DAC) da SBPSP	239
Sobre os autores	267

# 1. Sessão simultânea de leitura: um espaço para o vínculo, o sentir/ pensar e a leitura literária. Uma experiência com crianças pequenas durante a pandemia<sup>1</sup>

Adrianna Nunez

*Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.*

Jorge Larossa

Antes de iniciar de forma contínua o relato de minha experiência, uma vez que recebi o convite para apresentá-la em um grupo de estudos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, gostaria de escrever de forma breve sobre as aproximações que entendo existir entre a concepção de ensino e de aprendizagem que sustenta o meu fazer profissional e o conhecimento advindo da psicanálise.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no grupo de estudos “Clínica do Des-amparo e a mente do analista”, da SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no dia 27 de junho de 2020.

Minha prática pedagógica, desde a época da sala de aula até meu trabalho atual como coordenadora pedagógica e formadora de professores, está fundamentada na *concepção construtivista de ensino e de aprendizagem*. Entretanto, ao longo de minha prática como educadora, encontrei na Psicanálise conhecimentos que me ajudam a olhar para o sujeito-aluno, para o sujeito-professor e também para os pais das crianças que frequentam a escola.

Destaco a seguir três aproximações que identifico entre o construtivismo e a psicanálise que ajudam a nutrir o meu fazer pedagógico: a importância dos *processos individuais* em vez do foco no produto (“como” os sujeitos se apresentam em relação aos seus saberes, tanto seus *objetos de conhecimento*, na escola, como *sobre si mesmos*, na clínica); as *construções realizadas pelo sujeito* (ampliação do conhecimento sobre o *objeto de ensino*, no caso do construtivismo, e sobre o *próprio sujeito*, no caso da psicanálise); e a importância das *ações/experiências realizadas pelo sujeito* (*ação/operação mental*, no construtivismo, e *experiências emocionais*, na psicanálise). Percebo que estas maneiras de conceber e olhar para o sujeito que aprende, auxiliam o professor/educador na sua prática e “conversam”, se complementam, em muitos aspectos. Por isso, sigo somando experiências significativas, de estudo e de prática, com os saberes provenientes da educação e da psicanálise.

Este trabalho apresenta um pouco da experiência vivida em uma escola particular, localizada na cidade de Santos – SP. A escola atende crianças nos segmentos da Educação Infantil até o Ensino Médio, e recebeu no mês de março de 2020 um desafio, assim como milhares de educadores espalhados pelo mundo também receberam: levar a escola e o processo de ensino e de aprendizagem para o modo remoto devido à pandemia do coronavírus.

Tanto eu, como coordenadora, como a equipe de professoras que trabalham com as crianças que têm entre 2 e 6 anos de idade

apresentamos, em relação a esta pandemia que nos surpreendeu, uma espécie de *negação*, pois não admitimos, em um primeiro momento, ter que lidar com a realidade que se apresentava a todas nós. Levar a escola à distância era para a equipe algo inalcançável, inadmissível... principalmente para quem trabalha com as crianças que estão na primeira infância. Para nós, que concebemos o processo de aprendizagem como uma construção do sujeito que aprende, oferecer uma escola distante não foi tarefa simples, e ainda não está sendo (pois ainda estamos no caminho).

A escola em que acreditamos é a escola presencial, uma escola onde existe relação direta entre todos os sujeitos que a integram e onde articulamos os saberes e as experiências das crianças com o patrimônio que a humanidade sistematizou. Nossa situação perfeita, nosso cenário ideal para que as aprendizagens aconteçam, é garantir uma escola onde todos possam se encontrar, onde as crianças possam participar de uma jornada e de propostas pensadas para elas, com seus pares e professores próximos, em um ambiente coletivo, com olhar e com escuta. Toda essa paisagem é extremamente validada por nós, e justamente por não vermos, inicialmente, uma saída possível, sentimos a nossa zona de conforto abalada. Pensamos: como apresentar uma escola à distância e ao mesmo tempo considerar o modo de aprender das crianças, principalmente das crianças pequenas? Como pensar esse período de distanciamento que não será curto? Como tornar esse momento o mais próximo possível, apesar de estarmos nos encontrando por meio das telas? Como auxiliar as famílias nesta nova parceria que a pandemia nos coloca?

Depois de muitas reuniões, reflexões, trocas e ideias entre eu e as professoras – processo obviamente acompanhado por inúmeras incertezas, receios, angústias – começamos a desenhar/construir juntas um possível trabalho pedagógico para chegar à casa das crianças, trabalho que sofreu ao longo do tempo inúmeras modificações a partir das experiências infundáveis e

totalmente inéditas que passamos a colecionar desde o dia 23 de março de 2020 – o dia que inauguramos a escola nesse novo formato. Logicamente, antes de tudo iniciar, enviamos às famílias muitos comunicados e informes na tentativa de cercar todos os detalhes visíveis para nós. Mais do que nunca, precisávamos dividir muitas das nossas intenções com os pais das crianças; uma vez que as crianças pequenas não possuem ainda a autonomia necessária para realizar as propostas em casa sem a ajuda de um adulto, eles seriam a nossa “ponte” imprescindível, ainda mais naquele momento.

Perder a totalidade da nossa interação com as crianças nesta época também nos angustiou. Como olhar para as crianças e perceber suas necessidades de aprendizagem estando longe delas? Como dosar os desafios das propostas planejadas? Como ajustar nossos encaminhamentos e nossas intervenções à distância, uma vez que fazemos isso a partir das respostas e sinais genuínos que as crianças nos oferecem a todo instante quando estamos próximas a elas? Como garantir o espaço do erro, tão essencial para nós no processo de ensinar e aprender, estando as crianças perto dos pais (já que imaginávamos que a tentação em fazer o filho “acertar sempre” estaria presente)? Como garantir que as crianças pudessem ser quem elas são em relação ao seu modo de sentir/pensar durante a realização das propostas e colocar as suas hipóteses em jogo, recebendo ao mesmo tempo um certo tipo de encaminhamento dos familiares?

Todas essas aflições ainda rodeiam o nosso fazer pedagógico, entretanto sabemos que temos que lidar com elas para seguir com a escola de forma remota e que precisamos ter esta clareza para, ao mesmo tempo, fazer o manejo do possível. É necessário também compreender que os pais neste momento não podem, e nem

devem, receber a “missão” de serem os pedagogos, pois as famílias estabelecem uma relação de natureza não pedagógica e, neste sentido, isso implica uma série de situações que sabemos não serem as mais ideais,<sup>2</sup> mas são as possíveis para esta fase da nossa história.

## *A construção do trabalho pedagógico na pandemia*

Para levar o ensino de forma não presencial, a equipe precisou construir em pouco tempo uma escola com um modelo de interação remota. Para o segmento que trabalha com as crianças da Educação Infantil, volto a dizer que esta tarefa foi especialmente desafiadora, mas os primeiros caminhos foram surgindo a partir do trabalho intenso de todos os educadores envolvidos e também a partir de muitas trocas com profissionais da educação de várias partes de São Paulo, do Brasil e também de outros países. Posso afirmar que, na minha área de atuação e com os profissionais que tenho contato, sempre pudemos contar com um grande movimento de troca e construção coletiva, mas confesso que senti algo ainda maior neste período de distanciamento social, pois esse movimento com o qual já estamos acostumados foi enormemente ampliado. Uma vez que muitos educadores estavam totalmente “online”, a quantidade de *lives*, cursos, palestras, reuniões e mensagens cresceu muito. Todos com a única preocupação de pensar juntos e construir uma escola possível para este tempo imprevisível que se instalou na vida profissional (e pessoal) de todos.

---

2 Aqui nos referimos às situações que sabemos que podem “nascer” em casa na presença dos pais que, aflitos com a falta da escola presencial na vida dos filhos, acabam oferecendo caminhos nem sempre produtivos ou que comungam com a proposta pedagógica da escola.

A partir da troca e do conhecimento que eu, como coordenadora, busquei para auxiliar a equipe com a qual trabalho e as crianças da escola, percebi que o principal caminho no qual deveríamos apostar e seguir era o da manutenção dos vínculos, sempre tão importantes para nós! Não poderíamos deixar a escola desaparecer da vida das crianças, apesar de estarmos em um formato jamais imaginado por nós. Foi então que, passado aquele primeiro momento de negar a realidade, começamos a conceber as primeiras estratégias de trabalho pedagógico e a oferecer às crianças situações de aprendizagem possíveis.

Para levar a escola para dentro da casa das crianças, revisitamos (e desta vez com um olhar ainda mais apurado) os princípios e valores do nosso projeto educacional no intuito de não entregar algo que não éramos como escola presencial. Não podíamos correr o risco de alterar a nossa prática pedagógica só por estarmos no modo remoto; não podíamos entregar uma escola que não acreditávamos só para cumprir exigências ou ceder às pressões (pois estas também vieram de variados lugares). Nossa certeza maior, e porque não dizer a única que tínhamos desde o início: não iríamos entregar às famílias uma escola falsa!

Mas o que significa não entregar uma escola falsa? Consistia em planejar e desenhar propostas fundadas nas teorias que sustentam o nosso fazer pedagógico e ancorar nossas decisões nos princípios que para nós são tão caros. Precisávamos levar até as crianças um modo de aprender que seria diferente, mas deveríamos continuar com a premissa de que na Educação Infantil as crianças aprendem e produzem conhecimento a partir da sua própria experiência no mundo – segundo Dewey,<sup>3</sup> a criança constrói

---

3 John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano. Escreveu sobre filosofia e educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política. Seu interesse por pedagogia nasceu da observação de que a escola

sentido a partir dos seus vínculos práticos e emocionais. Paulo Fochi<sup>4</sup> (2019) defende que a criança “pega” tudo o que tem e o coloca em tudo com o que está se relacionando. Ela vai entender e ajustar a partir da sua relação com o mundo e não sentada em uma cadeira com alguém apresentando um processo de repetição, respondendo aos “pedidos” de um adulto – ela vai e precisa construir por si mesma.

E é neste ponto que entra a escola que defendemos e a que pretendemos continuar levando até a casa das crianças. Acreditamos que o espaço escolar é um espaço social com uma função extremamente importante, não só para instrução, mas também para a formação humana, pois ela é, como defendem Peter Moss<sup>5</sup> e Alan Pence (2019), um lugar de encontros. Lugar onde crianças e adultos, alunos e educadores, se relacionam com seus pares, com os outros, com o mundo. A tarefa de ensinar, ou melhor dizendo, de propor contextos e experiências significativas, principalmente no segmento da Educação Infantil, não funciona com instrução de fora para dentro. A construção do conhecimento se dá na relação de um sujeito predisposto a aprender sobre algo, sobre o mundo (relação do seu mundo interno com o mundo externo), mas que precisa de mediação atenta e boas condições, que não podem ser pobres e que

---

de seu tempo continuava, em grande parte, orientada por valores tradicionais, e não havia incorporado as descobertas da psicologia, nem acompanhado os avanços políticos e sociais. Fiel à causa democrática, participou de vários movimentos sociais. Criou uma universidade-exílio para acolher estudantes perseguidos em países de regime totalitário. Morreu em 1952, aos 93 anos.

- 4 Paulo Fochi, pedagogo, especialista em Educação Infantil pela Unisinos, mestre e doutor em Educação pela USP. É professor da Unisinos e coordena o Observatório da Cultura Infantil (OBECI). Também foi consultor na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil.
- 5 Peter Moss, pesquisador do Thomas Coram Research Unit e professor da área de Provisão da Primeira Infância, do Institute of Education, University of London, Reino Unido.

precisam necessariamente dar abertura para o mundo interno das crianças. O perigo de não promover boas condições de aprendizagem é empobrecer a curiosidade e o desejo de aprender.

### *O espaço para vínculos importantes*

Depois de muitos estudos, trocas e reflexões com outros educadores e dentro da própria equipe, e depois de vencerem também o receio e os inúmeros desafios para lidar com a tecnologia, as professoras iniciaram uma fase em que puderam estar mais confiantes sobre o caminho a seguir. Inauguramos então o envio semanal de uma coletânea de propostas e logo em seguida os encontros síncronos com as crianças. Procuramos então, depois da escolha destas duas estratégias, levar até elas as situações didáticas que já faziam parte da jornada escolar presencial, para que de certa forma, pudessem recorrer à memória, recordar e estabelecer relações com os momentos vividos presencialmente a partir do tempo que estivemos juntos.

Na escola, as crianças têm contato com uma prática pedagógica que procura apresentar situações de aprendizagem com significado, que estabelecem relação com os contextos sociais, presentes fora da escola, na vida de cada um. Não oferecemos cenários descontextualizados, que “não dizem nada” para as crianças pequenas, mas situações em que elas conseguem estabelecer relações, levantar conhecimentos prévios sobre determinado assunto, que possam pensar por si mesmas, narrar, explicar, opinar, experimentar, entre outras ações. Sendo assim, uma vez que as propostas enviadas para casa possuem relação com o que costumam fazer na escola e com as práticas sociais, essas também conseguem estabelecer ligação rápida com aquilo que as crianças também podem fazer em casa – mudam-se os contextos, mas não muda o nosso propósito

educativo.<sup>6</sup> Há muito mais para se aprender na ponte escola-sociedade/escola-família do que estamos acostumados a enxergar.

Nesta fase da construção do trabalho, estávamos de certa forma garantindo duas vertentes que para nós são imprescindíveis: a relação com as propostas didáticas que as crianças já estão acostumadas, conhecem e participam com motivação e o vínculo com os colegas e professores, durante as conversas nos encontros online.

### *Sessão Simultânea de Leitura: um espaço para o vínculo, o sentir/pensar e a leitura literária*

Colocarei agora uma lupa no trabalho realizado por nós até o presente momento para dar ênfase e poder compartilhar a situação didática que nos motivou e que nos impulsionou a iniciar os encontros síncronos. Foi por meio desta proposta, a Sessão Simultânea de Leitura, que realizamos habitualmente no modo presencial, que pudemos garantir o primeiro encontro virtual entre as crianças de um mesmo grupo, entre as crianças e sua professora e também o encontro com um objeto que os pequeninos têm bastante intimidade, uma vez que convivem diariamente com ele nas classes da Educação Infantil: o livro, em especial, os livros de literatura!

---

6 Por exemplo: se na escola as crianças contam os pincéis para serem entregues aos colegas durante uma atividade de pintura, em casa podemos criar um contexto em que elas precisem contar quantos copos são necessários para todos da casa tomarem café, ou os ingredientes necessários para se preparar uma receita sugerida pela professora. Se na escola as crianças observam a professora durante a escrita de uma lista de personagens de histórias conhecidas, em casa podem participar da escrita de uma lista com os itens para a compra no supermercado ou lista com os afazeres diários da família durante aquele dia ou durante a semana; além disso, podem ouvir histórias preferidas, ouvir música, sentar-se para ver um álbum de família e conversar sobre o que viveram etc.

A Sessão Simultânea de Leitura<sup>7</sup> é uma proposta didática que se insere dentro das situações habituais de leitura literária por parte do professor, mas com uma variante: todos os docentes da Educação Infantil, no mesmo momento, leem um conto para as crianças de distintas salas e idades; as crianças conversam sobre a leitura, trocam interpretações acerca das obras e logo recomendam oralmente os contos escutados para os companheiros de sua sala habitual. Como as sessões se repetem no dia ou na semana seguinte, as crianças têm a oportunidade de eleger uma nova obra na próxima sessão. Se forma assim um espaço público de leitura e intercâmbio, uma comunidade de interpretação, onde os pequenos vão construindo referências compartilhadas ao falarem juntos sobre os mesmos livros.

Além de ser uma proposta que faz parte da rotina da escola presencial, e por sinal muito querida e esperada pelas crianças, decidimos iniciar o estabelecimento do nosso vínculo virtual por meio da literatura e da conversa literária por alguns motivos: por ser uma experiência narrativa que possibilita o contato com diversas emoções e sentimentos (das crianças e seus professores), por acreditarmos que ela possibilita um espaço potente para a imaginação, para pensar sobre a própria existência, para ajudar a suportar experiências ruins e boas, construir a própria leitura de mundo, reconhecer que o mundo é maior e diverso, por auxiliar na construção dos processos de singularização e por ser um espaço fecundo de produção simbólica.

Quando lemos um livro de literatura para as crianças, nossa intenção pedagógica é criar um espaço para que elas possam ler o

---

7 Proyecto Acompañamiento a la Enseñanza en los Jardines de Infantes para fortalecer la implementación curricular en prácticas del lenguaje – Subsecretaría de Educación. Dirección Provincial de Educación Inicial – Buenos Aires, Argentina.

texto (leitura feita por indicação do professor, já que ainda não são leitoras convencionais) e ler as imagens/ilustrações, mas principalmente que possam ter um lugar de fala e de escuta garantidos. E assim, ler é abrir possibilidades para que as crianças sintam, pensem e construam sentidos possíveis para a história a partir do seu ponto de vista, das suas experiências e impressões. Ao ler um livro, o professor não fecha sentidos e significados, mas encaminha uma conversa literária garantindo um espaço para que as crianças construam a sua leitura, para que façam a sua interpretação, para que tomem a palavra, troquem, discordem e silenciem, partindo tanto das suas reflexões individuais como das outras tantas leituras feitas e compartilhadas pelas outras crianças. Nesse sentido, a leitura de cada um vai sendo ampliada pela leitura do outro, ressignificada, formando novas camadas de sentido – o que difere totalmente de um viés de acúmulo sem reflexão. Esta experiência nos confirma ainda mais a necessidade de mantermos este vínculo (mesmo à distância), pois sabemos que precisamos continuar a oferecer um espaço em que as crianças tenham a sua voz garantida.

*Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo.(...) Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual. (Bajour, 2012, pp. 24-25)*

Para lermos verdadeiramente com o outro, necessita-se escuta atenta, com abertura e disponibilidade para receber e conhecer

outras visões de mundo e pressupõe-se um interesse genuíno de abrir-se para o outro. Ler, desta forma que defendemos, significa atuar no mundo a partir da minha construção legítima, que nasce do meu encontro com outras pessoas que me afetam. Na escola, seja no modo presencial ou no modo remoto, precisamos apostar e confiar nos encontros.

Além de toda intenção pedagógica que sustenta o ato de ler livros de literatura para as crianças pequenas, apostamos que esta também é uma boa estratégia para conseguirmos criar neste momento uma reserva emocional e criativa para o reencontro que teremos quando voltarmos. O retorno será novo e diferente e também precisará contar com uma mobilização inédita. Muitos educadores já concluíram, a partir desta experiência que vivemos, que a escola, mais do que nunca, precisará ser reinventada. Teremos que encontrar tempo e espaço para pensar: o que fica do período remoto? O que do antigo período presencial precisa ir embora?

Com muito ainda a ser pensado, concluo este relato com a certeza que já somos educadores diferentes e que, ao vivermos esse período de distanciamento social, encontramos caminhos criativos para continuar com a nossa escola da maneira que nos foi possível. Entretanto, todo esse aprendizado precisará também ser acomodado e “digerido” por toda a equipe para que possamos devolvê-lo na forma de novas construções.

Termino com um texto escrito por Madalena Freire, filha do Educador brasileiro Paulo Freire, que tanto inspira os profissionais da Educação!

### *REINVENÇÃO*

Madalena Freire

*Os tempos de hoje*

*nos exigem reconstrução,  
reinvenção de nós mesmos.*

*Os tempos de hoje  
nos colocam diante  
do dilema da existência humana:  
Vida e Morte,  
que acordam e dormem,  
todo dia, na mesma cama.*

*Os tempos de hoje  
exigem a obrigatoriedade de sermos melhores,  
a cada dia melhores que no dia anterior.  
Por isso mesmo é preciso  
viver um dia de cada vez.*

*Os tempos de hoje  
nos expõem em carne viva diante  
do miudinho do cotidiano, clamando  
por empatia e compaixão.*

*Os tempos de hoje  
nos empurram na busca  
da ajuda do outro, na  
dependência dessa ajuda.  
Só podemos ser nós mesmos  
mediados pela fala e escrita  
do outro, pontes  
que nos levam até  
nossas profundezas.*

*Os tempos de hoje*

*escancaram nossas fragilidades,  
nossas vulnerabilidades, a pequenez do milímetro grão  
que realmente somos.*

*Os tempos de hoje  
nos lançam na procura  
da linguagem da arte,  
porque só a arte  
conversa, alimenta,  
ilumina, acata,  
acalma, acolhe  
nossa luz, nossa alma.*

*Os tempos de hoje  
nos lançam na busca  
do oxigênio de nossas vidas  
de ensinantes, aprendizes,  
estudantes permanentes,  
que é o conhecimento... .  
(Freire et al., 1996, p.15)*

## *Referências*

- Bajour, C. (2012). *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato.
- Dewey, J.(2010). *Experiência e educação*. São Paulo: Vozes.
- Fochi, P. (2019). *Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do observatório da cultura infantil – OBECI*. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos.

- Freire, M.; Camargo, F.; Davini, J.; Martins, M. C. (1996) *Observação, registro, reflexão – Instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico.
- Freud, S. (1995). Trad. Osmyr Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, 12.
- Macedo, L. de, & Assis, B. A. de. (2002). *Psicanálise e pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Molinari, C. (2012). *Situación didáctica Sesiones simultáneas de lectura*. Documento de trabajo. Proyectos coordinados de Formación Continua DPEI y DFC. Buenos Aires: DGCyE.
- Moss, P.; Pence, A. (2019). *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. São Paulo: Penso.
- Onrubia, J. (1999). Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In César Coll (Org.), *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática.



*Este importante volume* organizado por Walkiria Nunez Paulo dos Santos, e para o qual também contribuí com um capítulo, foi desenvolvido a partir de um grupo por ela constituído para estudar o tema que coloca em destaque: as vivências de desamparo comuns a todos os seres humanos e as diferentes maneiras de se lidar com elas, tanto as mais “felizes” quanto as mais “infelizes” em termos práticos para a lida da vida cotidiana. São trabalhos calcados na ampla experiência clínica de seus autores e é a partir dessa prática que a escrita se desenvolve.

Podemos articular a experiência psicanalítica a um mergulho profundo – *deep zoom* – tal como o do Hubble para o espaço cósmico, na direção das dimensões infinitas e também espantosas da mente humana e do inconsciente. Uma viagem no desenvolvimento da elaboração ou pelo menos da capacidade de manter-se lúcido e funcional diante do nosso desamparo natural.

*Claudio Castelo Filho*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-479-7

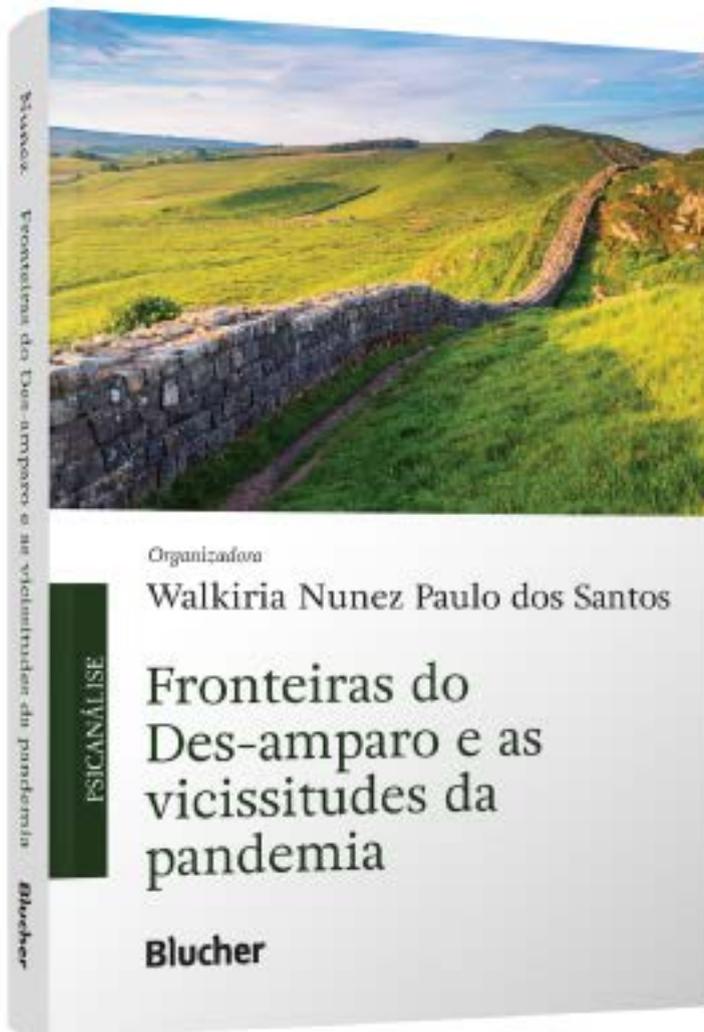


9 786555 064797



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Fronteiras do Des-amparo e as Vicissitudes da Pandemia

---

**Walkiria Nunez Paulo dos Santos**

ISBN: 9786555064797

Páginas: 272

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---